



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Contemplar a Deus

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

A contemplação representa o ponto mais alto da experiência de oração. Mas é pouco conhecida e frequentemente mal compreendida entre os católicos. A difusão das práticas orientais de meditação tornou a questão ainda mais problemática. Muitas vezes se confunde a contemplação com a meditação. Ainda que estejam intimamente ligadas, não são a mesma coisa.

O [Catecismo da Igreja Católica](#) (CIC) dedica passagens específicas para nos explicar o que são a meditação (CIC 2705-2708) e a contemplação (CIC 2709-2719). A meditação é um momento de busca mental: procura-se uma resposta, um caminho, uma palavra de consolo ou acolhida. A contemplação corresponde ao relacionamento amoroso entre o buscador e Aquele a quem buscava – que agora o encontrou e se mostra presente (e é Deus que nos encontra e se faz presente em nossa vida, por mais que nós O estejamos buscando).

Uma experiência relacional. A característica emblemática da contemplação, que a distingue das meditações em voga em nossa sociedade atual, é seu caráter relacional. É comum ouvirmos dizer que a meditação nos ajuda a “descobrir nosso próprio eu”, “encontrarmo-nos conosco mesmo”, “vivermos nossa paz interior”.

Nossa cultura individualista desenvolve suas práticas meditativas

No mundo contemporâneo, caracterizado por uma paradoxal solidão hiperconectada e pelos altos níveis de estresse crônico, as pessoas buscam práticas que as ajudem a superar os sintomas depressivos e a ansiedade, a encontrar o outro e construir laços afetivos estáveis. Na vida católica, tudo isso se identifica com a experiência da contemplação. Contemplar a Deus é muito mais do que uma prática de meditação ou um gesto de espiritualidade desvinculado do cotidiano.

É encontrar a presença de Deus no cotidiano, entregar-se à companhia de Seu amor. É o fruto mais maduro da oração à qual todo cristão é chamado. Não é algo só para monges, mas uma dimensão – a grande dimensão – do ser cristão no mundo: viver consciente da companhia de Cristo.

ou se apropria daquelas de outras tradições em uma perspectiva auto-centrada. Somos nós voltados para nós mesmos, fechados em nossos dramas e angústias. Em uma sociedade que nos lança estímulos e demandas contínuas, na qual sempre estamos devendo alguma coisa para nós mesmos, esse mergulho na própria interioridade se revela fundamental e pacificador. Não é à toa que essas práticas fazem tanto sucesso. Mas não são suficientes...

Nosso coração não quer apenas descansar em si mesmo. Temos a exigência estrutural de um encontro, de uma Presença amorosa que dê um sentido bom para nosso caminho por esta vida. Queremos a paz que só se encontra no regaço amado. Não nos bastamos a nós mesmos, precisamos do Outro (e dos outros) para nos realizarmos. E, na contemplação, vivemos justamente esta experiência relacional que tanto buscamos.

Por isso, ela corresponde àquilo que é mais necessário para nossa vida interior. O contemplativo não é alguém que encontra Deus nas alturas de sua espiritualidade, mas sim alguém que O encontra cotidianamente em meio a suas atividades. As práticas meditativas muitas vezes se encerram em si mesmas, são como momentos de catarse em meio a uma vida atribulada. As práticas contemplativas são um caminho para a descoberta constante da presença de Deus em nossa vida.

A contemplação inaugura uma nova moralidade, determinada não por regras a serem seguidas, mas por uma presença que acompanha toda a existência. A moral cristã, para quem faz a experiência contemplativa, não consiste tanto em fazer isto ou aquilo, mas em estar em companhia de Cristo, agir não como alguém que está sozinho, mas como alguém que está acompanhando...

do... E é tão diferente fazer as coisas sozinhos ou fazê-las em companhia da pessoa a qual se ama!

A contemplação e a ação. Santo Inácio de Loyola consagrou a expressão “contemplação na ação”. Nos ajuda a compreender que a contemplação não pode ser entendida como algo que se faz fora do mundo, em meio às alturas de uma espiritualidade intimista, mas uma prática que pode acontecer no meio do mundo, com sua materialidade e contradições. O perigo está em imaginar, a partir desta expressão, que a ação pode substituir a contemplação – como se esta última fosse apenas uma peculiaridade no âmbito das diversas manifestações da espiritualidade cristã.

Para que a contemplação aconteça na ação, ela deve ser cultivada, tanto na vida pessoal quanto nas estruturas eclesiais. Assim nasceram, ao longo da história da Igreja, ordens de vida contemplativa e ordens de vida ativa. Umas não se contrapõem às outras, mas se integram para criar a experiência católica, em toda a sua riqueza e aderência às necessidades do nosso coração.

Esperamos que este *Caderno Fé e Cultura* seja uma ajuda para que todos nós possamos mergulhar cada vez mais na prática da contemplação, em uma verdadeira experiência relacional com Deus, dentro do mundo e em ação pelo bem do mundo.

* Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Ana Lydia Sawaya*

Deus nos fala de muitas maneiras por meio de algo que vemos ou ouvimos e que nos toca profundamente, e chega até o centro interior da nossa pessoa – que a Bíblia chama de coração: o olhar de uma pessoa, um acontecimento peculiar, um pôr do sol, uma aurora, o mar, uma flor, uma música, uma pintura ou poesia, um livro. Todas essas realidades “terrenas” podem atingir o centro do nosso ser (se estivermos abertos) e nos co-mover. Têm o poder de nos fazer mudar de posição, nos iluminar, nos ensinar, nos converter, ou seja, nos mover junto consigo para uma direção nova, um novo conhecimento, de si e da realidade. Estas são mensagens de Deus. Como sabemos? Pelo resultado que provocam em nós: um bem maior, uma verdade, uma paz, uma alegria.

Deus nos fala também por meio da liturgia, da Confissão, e de algo que Ele permite que aconteça em nossa vida. Podemos dizer que para aqueles que se familiarizaram em escutá-Lo, como os monges e as monjas, Deus nos fala o tempo todo.

Para se comunicar melhor conosco, Deus veio até nós e tomou a nossa carne em Jesus. Deus, então, é o Verbo, Aquele que está sempre agindo. O contemplativo é aquele que aprendeu a vê-Lo e ouvi-Lo.

Todas as culturas humanas, desde sempre, descobriram que a reali-



Abadia de Heliigenkreuz, Áustria. Fonte: Wikimedia

A experiência contemplativa nos faz “entrar” na dimensão espiritual da realidade e ESCUTAR, com os ouvidos do coração, Deus, os anjos, nosso anjo da guarda ou nossos amigos santos que nos falam.

dade tem duas dimensões: a realidade material e aparente, perceptível pelos cinco sentidos, e a realidade espiritual, que é perceptível quando, partindo dos cinco sentidos, esse “conhecimento” chega ao coração, que é o lugar onde Deus habita em nós. Por isso, um lugar privilegiado para encontrar Deus é dentro do nosso coração.

Deus nos joga dentro da realidade concreta e não nos afasta dela. Ele nos ensina a entrarmos mais profundamente em relação, de forma saudável e construtiva, com as coisas

e as pessoas, com tudo e todos que estão próximos de nós. O contemplativo vive dentro da realidade concreta e dela não foge. É característica da vida contemplativa a atenção, o cuidado com todas as coisas e pessoas, até nos mínimos detalhes. O verdadeiro contemplativo age mais e melhor sob inspiração de Deus e a partir do relacionamento com Ele.

A contemplação não é êxtase nem fuga da realidade. Santa Teresa de Lisieux, a maior santa contemplativa dos tempos modernos, não teve êxtases nem viveu experiências

extraordinárias. Ela se entregava ao relacionamento com seu amado Jesus, vivendo cada pequeno detalhe do dia a dia e cada relacionamento com as irmãs, os belos e fáceis, mas principalmente os mais difíceis, com a força e a coragem que Jesus lhe dava. Santa Teresa nos ensina que a contemplação é um modo de viver a realidade que nasce e cresce a partir do relacionamento com Jesus e que se traduz no amor cada vez maior e mais profundo que se experimenta por cada coisa e cada pessoa. Foi lendo e meditando as Sagradas Escrituras que Santa Teresa descobriu a pequena via para a santidade.

* Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, em Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da Unifesp, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge e pesquisadora visitante do MIT.

Cine e vídeo

O Grande Silêncio: quando o cinema encontra a contemplação

Redação

Documentário alemão revela a vida monástica por meio de uma experiência cinematográfica radical que desafia as convenções narrativas

Em 2005, o cineasta alemão Philip Gröning lançou seu documentário revolucionário, *O Grande Silêncio*. Havia aguardado 16 anos pela permissão para filmar na Grande Chartreuse, o mosteiro-mãe da Ordem Cartuxa, situado nas montanhas ao norte de Grenoble, tornando-se o primeiro cineasta a capturar as faces dos monges, pertencentes a uma das comunidades religiosas mais austeras do mundo cristão.

Proibida a luz artificial, música adicional ou comentários, Gröning trabalhou sozinho durante seis meses, operando câmera, som e carregando 20 quilos de equipamentos. Viveu seguindo as regras dos cartuxos, documentando o passar do tempo, as estações, orações e atividades cotidianas.

Com 162 minutos, o filme mantém muito pouca fala, apenas telas com passagens bíblicas. Sem música de fundo ou narração, ouvem-se apenas ruídos ambientais: o sino, o fogo nas celas, o canto litúrgico. A extrema falta de recursos paradoxalmente

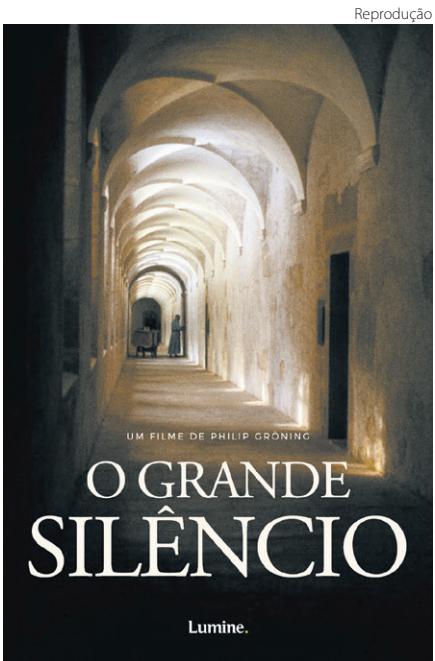
intensifica o poder artístico do filme. Cada plano, cada transição, cada momento de silêncio torna-se precioso e carregado de significado. Cada atividade – do jardim à preparação do pão, das orações aos passeios dominicais – reflete a importância espiritual da vida contemplativa. A montagem durou dois anos e meio.

Em 2005, o filme recebeu o Prêmio da Crítica de Cinema Alemã. Em 2006, conquistou o Prêmio Especial do Júri no Festival de Sundance, o Prêmio Europeu de Cinema e o Prê-

mio Bávaro de Cinema. A Academia Europeia justificou afirmando que “o filme toca o mundo misterioso da fé e nossa necessidade de silêncio em contraste com a vida moderna”.

Em um contexto saturado de estímulos auditivos, *O Grande Silêncio* oferece um antídoto profundo. Mais do que um registro antropológico, é uma obra que explora como o cinema pode comunicar experiências espirituais e como a ausência de som pode ser mais eloquente do que qualquer trilha convencional.

A Lumine, que distribui no Brasil *O Grande Silêncio*, é o maior streaming de filmes, séries e desenhos católicos do Brasil. Nascido em um mosteiro da Ordem de Cister, no Rio Grande do Sul, em 2019, já atinge mais de 300 mil pessoas. Conta com um acervo único de filmes e séries confiáveis, que foram selecionados por sua equipe de curadoria, oferecendo conteúdos para assistir em família.



Reprodução

O GRANDE SILENCIO (DIE GROßE STILLE)
Direção e roteiro: Philip Gröning
Produção: Philip Gröning Filmproduktion, Ventura Film S.A., junto com ARTE G.E.I.E., Bayerischer Rundfunk e RSI Radiotelevisione Svizzera (Alemanha, França, Suíça, 2005)
Duração: 162 minutos (2 horas e 42 minutos)
Disponibilidade: Lumine (<https://blog.lumine.tv/em-exibicao/o-grande-silencio/>)

Partindo da leitura da Bíblia: a *Lectio Divina*

Segundo a tradição monástica, o modo por excelência para “entrar” na realidade espiritual que está no profundo da realidade aparente é a meditação da Palavra de Deus, da Bíblia. Esta prática cotidiana que é chamada de Lectio Divina (leitura orante da Palavra de Deus) é a porta de entrada diária para a contemplação. Em um pequeno livro sobre os quatro passos da Lectio Divina (leitura, meditação, oração e contemplação), o monge camaldolense Dom Innocenzo Gargano descreve assim a última etapa do caminho:

Poderíamos dizer que o lugar de máxima contemplação foi, de fato, o corpo de Jesus de Nazaré, nascido de Maria, porque nele, devido à habitação do Verbo de Deus, houve a conjunção perfeita entre o céu e terra, entre o que está além deste véu celestial e o que está deste lado e que identificamos com a terra. Isto nos levaria a concluir que o ápice da contemplação não reside em separar o que é espiritual do que é material, mas, no mínimo, em fundir tão perfeitamente quanto possível o céu e a terra, o divino e o humano, a dimensão vertical e a horizontal. Aquele que conseguisse sintetizar estas duas realidades seria, então, o autêntico contemplativo.

[...] Poderíamos dizer, também, que realizamos a experiência da contemplação na meditação da Palavra de Deus quando, neste texto, nesta letra, nestas palavras claramente visíveis aos nossos olhos carnaís, descobrimos a Palavra de Deus com os olhos da fé. Esta seria, portanto, uma síntese entre palavra e Espírito, [...] e não se trataria de uma visão mental ou intelectual, mas de um fato vital.

Descobrimos que tudo o que penetra em nossos sentidos, desde as plantas até os animais e os acontecimentos que se entrelaçam ao longo do tempo, tudo é uma manifestação da Palavra de Deus. Então, o encontro com a Sagrada Escritura torna-se para nós tão fecundo como o encontro com o acontecimento histórico de Jesus de Nazaré. Daí tiramos da fonte aquela luz que nos permite descobrir a sua presença mesmo naqueles setores, naquelas distâncias em que não entendíamos bem, não percebíamos bem a presença do próprio Verbo.

[...] O contemplativo é aquele



Claustro interior da Catedral de Canterbury, (Kent, Inglaterra), por David Iliff

que, precisamente porque criou uma síntese entre o que é divino e o que é humano, precisamente porque foi completamente tomado pela Palavra de Deus, consegue, por conaturalidade, por consanguinidade, perceber as presenças infinitesimais e muito pequenas da Palavra de Deus que existem em cada realidade do cosmos e da história. O contemplativo não é, portanto, um homem desligado da história, mas é aquele que tem os olhos do coração agudos o suficiente para ser capaz de ver a presença da Palavra de Deus mesmo onde outros veriam apenas a presença do mal e do pecado.

O contemplativo é fundamentalmente um otimista, portador da boa notícia [...]. Quem anima, quem abre os olhos, quem nunca perde a coragem porque sabe com certeza que, mesmo nos acontecimentos mais dramáticos, mesmo nas situações mais pecaminosas, há sempre aquela centelha do Logos, da Palavra de Deus que chama, clama à plenitude da realização do mistério do Filho de Deus morto e ressuscitado.

[...] Existe, porém, outra forma de olhar a contemplação e é aquela que parte da etimologia do termo usado, em grego, para indicar a mesma coisa: *theoria*. [...] *Theoria* é, na verdade, a síntese de dois termos muito interessantes: *thea* e *orao*. *Thea* significa visão, mas uma visão no sentido panorâmico do termo. *Orao* significa [...] ter a visão de algo. [...] É como entrar no que se observa. Ora, o ponto de referência deste termo grego, *theoria*, é, na tradição cristã, apenas um: o Cristo crucificado. Uma única vez em todo o Novo Testamento, São Lucas usa o termo *theoria* para indicar exatamente a visão de Cristo crucificado no Calvário.

Para os antigos Padres, isto significa que quem tem o dom da *theoria*, da contemplação, é sempre aquele que tem diante de si o mistério de Cristo crucificado como pedra angular da história, como a Palavra que toda a história

revelou e continua a revelar. Neste caso, o contemplativo seria, então, aquele que olha tudo a partir desta visão de Cristo crucificado, um homem que vê em todas as dobras da história humana e do mundo o anúncio e a manifestação de Cristo crucificado. [...] E onde os olhos do homem veem apenas uma desfiguração do rosto humano, os olhos da fé veem a reconciliação no Senhor, no Filho de Deus crucificado pelo homem. O anúncio que o contemplativo traz é, portanto, também aqui, um anúncio de paz, é uma boa notícia que parte como que da fonte de graça de Cristo crucificado.

[...] Na raiz da contemplação, em todas essas formas, está finalmente, concretamente, a transfiguração determinada na pessoa pela sua conformação à Palavra de Deus. Quando a Palavra de Deus nos cinzelou a ponto de nos tornar perfeitamente semelhantes a ela [...] nasce o homem novo que se deixa guiar pelo Espírito. A raiz da contemplação é o nascimento do homem novo, mas este nascimento é fruto daquele paciente trabalho de transformação que produz em nós o encontro constante e diário com a Palavra de Deus.

Na *Lectio Divina*, a própria experiência batismal é revivida de alguma forma. O encontro com a Palavra permite-lhe, de fato, descer ao abismo de nós mesmos para nos tomar pela mão e, das profundezas a que havíamos chegado com o pecado, nos impelir a voltar à experiência luminosa da manhã de Páscoa, da qual, finalmente, abrimos diante de nós o espaço ilimitado de uma novidade de vida de contemplação.

O homem novo poderá, então, usar os novos sentidos; os nascidos do Espírito Santo terão olhos capazes de ver que, apesar de tudo, o mistério da Morte e Ressurreição de Cristo se manifesta na história. Daí toda a vasta gama de referências simbólicas nos místicos. Falar-se-á de visões, de gosto diferente, de condições inespera-

das, de novas tangibilidades, do perfume das coisas, mas o denominador comum em todas estas experiências dos sentidos humanos continuará a ser a Presença do Espírito Santo; porém, precisamente porque se transformaram a ponto de verem em toda parte a presença da Palavra, os contemplativos são os únicos missionários cristãos.

Na verdade, só os contemplativos podem dedicar-se à missão. Se essa transformação não preceder a missão, deve-se ter cuidado para que, embora se pretenda trazer a bela notícia do Evangelho, não se traga as nossas palavras humanas. Se a missão não for uma coisa só com a contemplação, não há mais a *exousia* (a autoridade) que a palavra de Jesus possuía, mas há simplesmente o ativismo, o barulho de toda a nossa agitação com a ilusão de agir para o bem da Igreja e para a glória de Deus.

O ponto de chegada da *Lectio Divina* chama-se evangelização. E é importante. O fruto da contemplação autêntica só ocorre quando se [...] permite aos outros aceder àquela mesma Palavra que transformou, finalmente, os nossos corações.

(Trechos selecionados por Ana Lydia Sawaya)



GARGANO, Innocenzo. *Ler e meditar a Bíblia: uma breve introdução à Lectio Divina*. Rio Bonito: Benedictus, 2024

A contemplação e a mística para o mundo laico

Cesar Augusto
Nunes de Oliveira*

“Depois disso, tive uma visão: vi uma porta aberta no céu, e a voz que falara comigo, como uma trombeta, dizia: Sobe aqui e mostrar-te-ei o que está para acontecer depois disso.” (Ap 4,1)

O livro do Apocalipse, com sua linguagem própria marcada por imagens simbólicas, pode nos ajudar a compreender a realidade da oração contemplativa e da vida mística no mundo dos leigos. Aqueles que são chamados a viver e testemunhar sua fé na Igreja em meio às realidades temporais – do trabalho, do estudo, da política e de todas as dimensões culturais – são assim “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-16), como nos ensina o Concílio Vaticano II.

“Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e atividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. Portanto, a eles compete, especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor.” (*Lumen gentium* LG 431)

No livro do Apocalipse, tradicionalmente atribuído ao apóstolo João, vemos que o autor teve a visão de uma “porta aberta no céu”, por meio da qual Deus o convida a subir e adentrar. Paralelamente, no Evangelho segundo João, Jesus proclama: “Eu sou a porta” (Jo 10,7), revelando-se como o caminho que nos conduz à comunhão divina. Isso nos mostra que a oração contemplativa é um elevar-se das preocupações que nos ancoram às realidades terrenas, conduzindo-nos a uma comunhão íntima com Deus. E essa comunhão com Deus se dá por meio da passagem pela “porta”, que é o próprio Cristo, sendo a oração “por Cristo, com Cristo e em Cristo”.

Subir e passar pela porta, portanto, não visa a buscar sensações, revelações extraordinárias, visões ou experiências espirituais agradáveis. Tais coisas podem ocorrer, mas são aspectos secundários, não o cerne da autêntica oração contemplativa e da vida mística. O que essencialmente define a oração contemplativa



Mosaico da Igreja da Transfiguração, no Monte Tabor. Fonte: Wikimedia.

A necessidade da contemplação não é só de monges e religiosos. É de todos os cristãos. Um caminho que nos transforma e ilumina.

va é o ato de passar pela porta, que é o próprio Cristo.

O processo interior espiritual de passar pela porta que é Cristo se dá em um caminho de conhecer, seguir, obedecer, adorar e amar a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo e, desta forma, conformar toda nossa vida à pessoa de Cristo, ao seu pensar, agir, falar e, por fim, ao seu sentir, como nos ensina São Paulo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo” (Fl 2,5).

Oração. A experiência de uma oração por Cristo, com Cristo e em Cristo – de passar pela porta – nos conduz à finalidade da oração contemplativa e da vida mística. Deus diz a João no livro do Apocalipse: “Para que te mostre as coisas que devem acontecer” (Ap 4,1). Assim, a oração contemplativa tem como finalidade a graça de olhar as realidades deste mundo de uma perspectiva elevada, isto é, com um olhar de fé, vendo as coisas como Deus as vê, sob a Sua perspectiva.

Por meio deste passar pela porta que é a oração contemplativa, o orante vai assimilando um processo de transformação do seu olhar sobre os acontecimentos e, desse modo, abrindo-se para uma mentalidade verdadeiramente evangélica, não co-

optado por nenhuma forma de ideologia ou simplesmente por um olhar bondoso na perspectiva humana.

Assim, a oração contemplativa na vida de um leigo – seja pai, mãe de família ou solteiro – nos faz compreender que as realidades da família, trabalho e vida social devem ser transfiguradas em Cristo. Isso acontece por meio de uma presença que consegue irradiar, pela forma de viver, pelos atos e pelas palavras, a presença de Deus contemplada na liturgia, na leitura orante das Sagradas Escrituras e nos momentos de devoção pessoal.

Uma grande tentação que frequentemente nós, leigos, enfrentamos na nossa vida de testemunho cristão no mundo é o desejo de, com as nossas próprias forças e à nossa maneira, tentar transformar as realidades em que estamos inseridos. É, então, que devemos recordar as palavras de Jesus: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5).

Contemplação. A oração contemplativa é, assim, uma necessidade fundamental na nossa vida de fé como leigos, e não algo supérfluo reservado a uma elite cristã ou até mesmo restrito aos monges em seus mosteiros. Para compreender isso, devemos entender que a oração

contemplativa não consiste necessariamente em ter visões ou manifestações espirituais extraordinárias. É, na verdade, uma oração centrada “em Cristo, por Cristo e com Cristo”.

A oração contemplativa só pode ser realmente reconhecida pelo princípio genuinamente cristão ensinado por Jesus: “São pelos frutos que se conhece uma árvore” (Lc 6,44). O fruto mais concreto de um contemplativo é a capacidade dada por Deus de ver todas as realidades deste mundo na perspectiva da fé. Consequentemente, surge a capacidade de agir no mundo a partir dessa visão, tornando-se – no meio da família, da vida estudantil, profissional, social, política e cultural – uma presença desse Deus que foi contemplado na oração, do qual nos tornamos um sinal vivo no meio do mundo.

Peçamos ajuda à Virgem Maria, aquela que é bela, doce e terna, modelo do contemplativo – como mulher, filha, esposa, mãe –, na sua vida aparentemente comum, cuidando dos afazeres da sua casa, fazendo as coisas ordinárias do seu dia a dia de uma forma extraordinária, porque feitas na fé e no amor e plenamente centradas em Cristo. Que ela nos ajude, nos tome pela mão e nos ensine o verdadeiro caminho da oração contemplativa, que nos faz nos transformar em um outro Cristo para os nossos irmãos.

Amém!

* Fundador do Movimento da Transfiguração